

# Uma pintora e dois abstratos

Distinguiu sempre a pintura de Tomie Ohtake uma boa qualidade de fatura. Esse cuidado não abrangia, entretanto, o preciosismo, e nestas ultimas telas tal qualidade se enriqueceu com uma certa densidade, em que a artista elabora, conscienciosamente, as suas estruturas — quando as há — e as suas manchas dominantes, e ainda as suas ressonancias circundantes, o fundo e as partes maiores da composição. Como nesta artista a composição se distribui numa ordenação, quase sempre, largamente dividida, de amplas escalas cromaticas, agenciadas por elementos menores, a densidade dada á fatura, agora, enriqueceu sobremaneira alguns trabalhos.

Na tela n. 7, Tomie Ohtake partiu de uma boa estrutura, e adensou, em torno, em negro e azul intenso, uma distribuição luminosa, que destaca, sobre a superficie toda em amarelo degradado a café claro, realizando um quadro intensamente vivo. No n. 4, a experiencia da artista levou-a a imprimir em branco o ponto forte do quadro. No n. 2, é em azul e negro que as dominantes se ajustam, naquelas escalas cromaticas sempre hierarquizadas, na construção harmoniosa. Desta vez, Ohtake não abusa do vermelho: há apenas um brique escuro, contrastando com uma centralização azul e negra, que no quadro n.

3 faz um dos bons momentos desta ultima fase.

Mas não se pode declarar que a tendencia dessa visualização seja para o sombrio ou para a claridade — em ambos os casos, Tomie Ohtake quase sempre realiza grandes valorizações, e sua expressão adquire uma linguagem segura e convincente.

Há, talvez, um pouco mais de contensão, agora, na sensibilidade da pintora, uma certa restrição á delicadeza e ao requinte, mais visiveis na exposição que comentamos anos atrás no Museu de Arte Moderna. Só uma comparação com aqueles trabalhos, o que não nos é possível hoje, poderia nos dizer se a artista ganhou ou perdeu em qualidades expressivas, ao governar, como o faz, a sua pintura.

Na presente exposição das "Folhas" concorrem também dois outros expositores, além de Maria Leontina, Giselda Leirner e Tomie Ohtake. São eles Hercules Barsotti e Willys de Castro, que se filiam ao abstracionismo geometrico, com algumas variantes. Não há, porém, progresso algum na aplicação desses esforços, que se limitam a estabelecer as variantes, e a utilizá-las. De sua adequação, só a boa aplicação dos desenhos e das pinturas, como elementos decorativos aplicados, responderia, com eficiencia, á critica a fazer.